

A Irmandade do Anel é a primeira parte de *O Senhor dos Anéis*, a aventura épica criada por J. R. R. Tolkien, uma obra-prima extraordinária, já celebrada como um dos mais belos textos de ficção de fantasia escritos no século xx. «Na dimensão do esforço imaginativo», diria o romancista Richard Hughes, «quase não encontra paralelo, e é igualmente notável na vividez e perícia narrativas, que prendem o leitor da primeira à última página.»

Nas palavras de C. S. Lewis: «Não há mundo imaginado que seja ao mesmo tempo tão múltiplo e tão fiel às suas leis internas; tão objetivo na sua aparência, tão livre de toda a cor que decorre da psicologia individual do autor; nenhum será tão relevante para a situação atual da humanidade e, porém, tão despojado de alegoria. E que exímia a declinação do estilo, indo ao encontro de uma quase infinita diversidade de cenas e personagens – coexistem o cómico, o familiar, o épico, o monstruoso ou diabólico.»

«É intemporal», afirmou Naomi Mitchison, «e perdurará até ao fim dos tempos.»

Esta é a primeira parte de uma edição de três volumes que reproduz o texto completo e fixado de *O Senhor dos Anéis*, com os mapas originais desenhados por Christopher Tolkien. Os Apêndices e um Índice revisto e aumentado serão incluídos no terceiro volume, *O Regresso do Rei*.

*Três Anéis para os Reis Elfos de céu cobertos,
Sete aos Senhores Anões nos seus rochosos paços,
Nove para os Homens Mortais da morte certos,
Um para o Senhor das Trevas no seu negro trono
Na Terra de Mordor onde moram as Sombras.
Um Anel para todos dominar, Um Anel para os encontrar,
Um Anel para os trazer a todos e na treva os amarrar
Na Terra de Mordor onde moram as Sombras.*

NOTA DE TRADUÇÃO

Para J.R.R. Tolkien, primeiro vinha o nome e só depois a história. Disse o autor a Henry Resnick, em março de 1966, numa entrevista telefônica que seria publicada na primavera do ano seguinte na fanzine *Niekas* (18):

A semente é linguística. Eu sou um linguista e tudo para mim é linguístico – é por isso que me empenho tanto na criação dos nomes.

Narrativa de aventuras e viagem, crônica de povos e de lugares, *O Senhor dos Anéis* também é a história das várias línguas que nestes se falavam e que se foram modificando ao longo do tempo, corrompendo-se entre si.

O empenho do autor na invenção de uma *nomenclatura* está na base desta construção complexa em que o nome inventado nunca é desprovido de intenção ou etimologia. Por isso, numa carta de 1956 a Rayner Unwin, Tolkien contestou que um tradutor recriasse na sua língua, «em poucos meses», um sistema que ele levava anos a construir e chegou mesmo a exprimir o desejo de que nada fosse traduzido – nem mesmo aqueles nomes que, sendo inteligíveis para o leitor anglófono, nunca o seriam para o leitor que não possuísse um entendimento básico do inglês.

Na década de 1960, o êxito internacional de *O Senhor dos Anéis* levá-lo-ia a relativizar essa posição inicial, coisa que fez pela primeira vez de uma forma estruturada no texto *Guide to the Names in The Lord of the Rings*, mais tarde conhecido como *Nomenclature of The Lord of the Rings*, publicado pela primeira vez em *A Tolkien Compass*, de Jared Lobdell, em 1975.

Na presente tradução, feita a partir da versão mais recente do texto em inglês (que, desde 2004, ano do seu quinquagésimo aniversário, tem sofrido importantes revisões), procurei seguir as linhas de orientação fornecidas pelo autor na sua *Nomenclatura*, entretanto reproduzida em diversas coleções e edições críticas estrangeiras.

Neste guia dirigido aos tradutores, Tolkien define-se, também ele, como um tradutor no interior da sua própria obra:

No texto original, o Inglês substitui o Idioma Comum da suposta época. Nomes fornecidos no Inglês moderno representam, deste modo, nomes no Idioma Comum que, muitas vezes (nem sempre), são traduções de nomes mais antigos de outras línguas, sobretudo o Sindarin, língua élfica.

Diz o autor que a língua da tradução deve substituir a língua inglesa como equivalente do *Idioma Comum*, uma língua franca dos povos representados, e que os nomes, na sua forma anglófona, «devem, por isso, ser traduzidos *de acordo com o seu sentido* (o mais aproximado possível)».

O tradutor é, assim, desafiado a recriar na sua língua uma parte da toponímia e dos nomes das personagens e entidades, para que o «sentido» não se perca e, com ele, a comicidade e a ironia tantas vezes inerentes a esta nomenclatura.

Em certos casos, porém, a ressonância dos nomes originais no imaginário popular sobrepôs-se ao argumento da «inteligibilidade» do termo no *Idioma Comum*. Na presente tradução, conservou-se *Baggins*, o apelido de Bilbo e de Frodo, ainda que o autor sugerisse a sua tradução por um nome que incluísse o elemento *bag* («saco»), dada a ligação entre *Baggins* e *Bag End*, o nome da residência de Bilbo, traduzido por «Fundo-do-Saco». Pelo mesmo motivo, foram mantidos *Rivendell* e *Isengard* (opção aceite pelo autor) e até mesmo *Shire*, palavra do inglês corrente que, noutras circunstâncias, teria sido traduzido por *Condado*, tanto pela aceção de «divisão administrativa», que evoca a ideia de «um distrito de comércio bem organizado» (*vide* Prólogo, p. 44), como pela sua história como terra concedida aos *Hobbits* pelo Rei Supremo de Fornost, Argeleb II (*vide* Prólogo, p. 43), cuja soberania eram obrigados a reconhecer.

NOTA DE TRADUÇÃO

A palavra *Farthing*, designando uma das quatro partes do *Shire*, oferecia algum desafio, uma vez que *farthing*, «um quarto de *penny*» (aqui usado no sentido original de «quarta parte»), significa igualmente «quantia ínfima, miudeza, vintém», sendo irónica a sua aplicação a uma divisão territorial. A solução encontrada foi «Quatrim», que significa «antiga moeda de pouco valor» e também «quarta parte», sendo importada do italiano *quattrino* (moeda de cobre ou prata em circulação em Itália entre os séculos XIII e XIX equivalente à quarta parte da moeda divisionária, *denaro*).

Hoje, ousámos uma nova tradução de *O Senhor dos Anéis* para o português e seria um engano esperar a aprovação unânime dos leitores, como de resto nos lembra o próprio prefácio do autor, incluído nesta edição:

Talvez não seja possível, num livro desta dimensão, agradar a todos em todos os pontos, ou desagradar a todos nos mesmos pontos; pois descobro, pela leitura das cartas que tenho recebido, que os excertos ou capítulos que desiludiram alguns também mereceram a aprovação entusiasta de outros.

Que estas palavras nos acompanhem, a nós que lemos e traduzimos com uma inevitável margem de erro e de liberdade.

CATARINA FERREIRA DE ALMEIDA

ÍNDICE

Nota a propósito do texto	17
Nota a propósito do texto revisto	27
Prefácio à segunda edição	33
Prólogo – Dos <i>Hobbits</i> (e outros assuntos)	39
A IRMANDADE DO ANEL	59
LIVRO PRIMEIRO	
1 Uma Festa Há Muito Esperada	63
2 A Sombra do Passado	91
3 Três São Companhia	121
4 Um Atalho para os Cogumelos	148
5 Uma Conspiração Desmascarada	164
6 A Floresta Velha	179
7 Na Casa de Tom Bombadil	197
8 Nevoeiro nas Colinas-das-Antas	212
9 Sob o Letreiro de <i>O Garrano Empinado</i>	230
10 <i>Passo de Gigante</i>	248
11 Uma Lâmina na Escuridão	265
12 Fuga para o Vau	292
LIVRO SEGUNDO	
1 Muitos Encontros	317
2 O Conselho de Elrond	343
3 O Anel Parte para o Sul	386

J. R. R. TOLKIEN

4	Uma Viagem na Escuridão	415
5	A Ponte de Khazad-dûm	448
6	Lothlórien	463
7	O Espelho de Galadriel	489
8	O Adeus a Lórien	508
9	O Grande Rio	525
10	Desfaz-se a Irmandade	544

NOTA A PROPÓSITO DO TEXTO

O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien, não raro apresentado como uma trilogia, é, na verdade, um só romance, composto de seis livros mais apêndices, por vezes publicados em três volumes.

O primeiro volume, *A Irmandade do Anel*, foi publicado na Grã-Bretanha pela editora londrina George Allen & Unwin a 29 de julho de 1954; seguiu-se uma edição americana, a 21 de outubro do mesmo ano, publicada pela Houghton Mifflin Company de Boston. Na produção do primeiro volume, Tolkien deparou-se com aquele que seria, no futuro, um problema constante: erros de impressão e erros de composição, incluindo «correções» bem-intencionadas dos seus usos por vezes idiossincráticos. Estas «correções» incluem a alteração de *dwarves* para *dwarfs*, *elvish* para *elfish*, *further* para *farther*, *nasturtians* para *nasturtiums*, *try and say* para *try to say* e («a pior de todas», segundo Tolkien) *elven* para *elfin*¹. Numa obra como *O Senhor dos Anéis*, que contém línguas inventadas e um minucioso sistema de nomenclaturas, erros e inconsistências impedem tanto o entendimento como a fruição dos leitores mais atentos – e Tolkien teve muitos destes leitores desde muito cedo. Mesmo antes da publicação do terceiro volume, que incluía muita informação, até aí não revelada, acerca das línguas inventadas e dos sistemas de escrita, Tolkien recebeu muitas cartas de leitores escritas nesses sistemas, além de inúmeras perguntas a respeito dos pontos mais delicados do seu uso.

¹ Especificidades da língua inglesa. (*N. da T.*)

O segundo volume, *As Duas Torres*, foi publicado em Inglaterra a 11 de novembro de 1954 e, nos EUA, a 21 de abril de 1955. Entretanto, Tolkien continuou a trabalhar para cumprir uma promessa que tinha feito no prefácio ao primeiro volume: a de que «um índice de nomes e de palavras estranhas» seria incluído no terceiro volume. Tal como fora planeado na origem, este índice conteria muita informação a respeito da etimologia das línguas, em particular as línguas élficas, com um extenso vocabulário. Foi essa a causa principal do atraso na publicação do terceiro volume que, no fim, acabaria por não incluir qualquer índice, mas tão-somente um pedido de desculpas do editor pela sua ausência. Na verdade, Tolkien tinha abandonado esse trabalho depois de criar o índice correspondente aos dois primeiros volumes, constatando que a sua dimensão e, por consequência, o seu custo seriam ruinosos.

O volume três, *O Regresso do Rei*, apareceu por fim em Inglaterra a 20 de outubro de 1955 e, nos EUA, a 5 de janeiro de 1956. Com o aparecimento do terceiro volume, concluiu-se a publicação de *O Senhor dos Anéis* na sua totalidade e, durante uma década, o texto da primeira edição permaneceu quase inalterado. Tolkien tinha feito algumas pequenas correções, mas outros erros apareceram em *A Irmandade do Anel* na segunda impressão de dezembro de 1954, quando o impressor, tendo distribuído o material tipográfico após a primeira impressão, fez uma nova composição do livro sem informar o autor ou o editor. Estes erros incluem deturpações do texto impresso original – isto é, palavras e frases que até fazem sentido no contexto, mas que se desviam do modo de dizer de Tolkien tal como foi escrito na origem e publicado.

Em 1965, na esteira daquilo que, na altura, parecia ser um problema de *copyright* nos EUA, uma editora americana de livros de bolso publicou uma edição não autorizada de *O Senhor dos Anéis*, sem pagar direitos de autor. Para esta nova edição da Ace Books, o texto da narrativa foi composto de novo, o que introduziu novos erros tipográficos; os apêndices, porém, foram reproduzidos por meio de fotografia da edição de capa dura e permanecem consistentes com esta.

Tolkien pôs-se a trabalhar na sua primeira revisão do texto para que uma nova edição, revista e autorizada, pudesse competir com êxito no mercado americano. A primeira revisão do texto foi publicada na América em livro de bolso pela Ballantine Books, sob licença da Houghton Mifflin,

em outubro de 1965. Além de revisões feitas no interior do próprio texto, Tolkien substituiu o seu prefácio original por um novo. Esta possibilidade de remover o prefácio original agradou-lhe; na sua cópia de revisão, escreveria: «confundir (como nele se faz) a matéria da vida real e pessoal com o “mecanismo” da história é um grande erro». Tolkien acrescentou ainda elementos ao prólogo e um índice – não o índice detalhado de nomes prometido na primeira edição, mas um índice remissivo que apenas incluía nomes e número de páginas. Em acréscimo, nesta fase, os apêndices foram extensamente revistos.

Tolkien recebeu os seus exemplares da edição Ballantine no fim de janeiro de 1966 e, no princípio de fevereiro, registou no seu diário que tinha trabalhado «algumas horas nos Apêndices da versão Ballantine & [encontrado] mais erros do que inicialmente [previra]». Pouco tempo depois, enviou um pequeno número de revisões suplementares à respetiva editora, destinadas aos apêndices, entre elas a inclusão hoje bem conhecida de «Estella Bolger» como mulher de Meriadoc nas árvores genealógicas do Apêndice C. Muitas destas revisões, que entraram de forma variada na terceira e quarta impressões (junho e agosto de 1966) do terceiro volume, e que nem sempre foram corretamente introduzidas (criando uma confusão adicional no texto), não chegaram a ser incluídas na principal sequência de revisão da edição inglesa de três volumes em capa dura e, durante muito tempo, permaneceram anomalias. Tolkien escreveu, a respeito do processo de revisão de *O Senhor dos Anéis*, que talvez não tivesse conseguido manter as suas notas em ordem; este ramo desviante da revisão parece ser um exemplo dessa desordem – seja nas suas notas seja na dificuldade que tiveram os editores de segui-las com absoluto rigor.

O texto revisto apareceu pela primeira vez na Grã-Bretanha a 27 de outubro de 1966, numa «Segunda Edição» da Allen & Unwin de capa dura, em três volumes. E de novo houve problemas. Embora as revisões do texto em si que Tolkien enviara para a América estivessem disponíveis para serem usadas na nova edição inglesa, as suas extensas revisões dos apêndices tinham-se perdido depois de terem sido introduzidas na edição Ballantine. A Allen & Unwin foi obrigada a fazer uma nova composição dos apêndices usando a versão publicada na primeira edição Ballantine. Esta não incluía o segundo pequeno conjunto de revisões que Tolkien enviara para a editora Ballantine; mas incluía, sim, um grande número

de erros e omissões que, em grande parte, só seriam descobertos muito mais tarde. Assim, nos apêndices, é necessário um escrutínio atento do texto da primeira edição e das impressões corrigidas (muito depois) da segunda edição, para discernir se cada mudança específica nesta edição é autoral ou errônea.

Na América, o texto revisto apareceu em capa dura na edição de três volumes publicada pela Houghton Mifflin a 27 de fevereiro de 1967. Este texto era com toda a evidência uma fotogravura *offset* da edição de 1966 da Allen & Unwin de três volumes em capa dura, sendo, por isso, consistente com esta. Tirando a primeira impressão desta segunda edição Houghton Mifflin, que tem a data de 1967 na folha de rosto, nenhuma das muitas reimpressões é datada. Depois das primeiras impressões desta edição, que trazia um anúncio de *copyright* de 1966, a data de *copyright* foi alterada para 1965 para corresponder à declaração na edição Ballantine. Esta mudança causou grandes confusões a bibliotecários e outros investigadores que tentaram deslindar a sequência de publicação destas edições.

Entretanto, Tolkien passara uma grande parte do verão de 1966 a rever o texto. Em junho, ficou a saber que já era tarde de mais para incluir revisões suplementares na segunda edição da Allen & Unwin de 1966, e registou no seu diário: «Mas estou a tentar concluir o meu trabalho [nas revisões] – não posso abandoná-lo enquanto o tenho na cabeça. Já se desperdiçou muito tempo, no conjunto da obra, nestas constantes quebras de continuidade.» Este foi o último grande conjunto de revisões do texto feitas pelo autor durante o seu tempo de vida. Foram acrescentadas à segunda impressão (1967) da segunda edição de capa dura de três volumes da Allen & Unwin. As revisões em si incluem sobretudo correções da nomenclatura e tentativas de uniformização de certos usos ao longo dos três volumes. Algumas alterações menores ainda foram feitas por Tolkien na edição de 1969 de um só volume, em papel bíblico.

J. R. R. Tolkien morreu em 1973. O seu terceiro filho e executor literário, Christopher Tolkien, enviou um grande número de correções adicionais de galhas de impressão, sobretudo nos apêndices e no índice, à Allen & Unwin, para inclusão nas edições em 1974. Grande parte destas correções eram tipográficas e estavam em conformidade com as intenções expressas pelo pai nas suas cópias revistas.

Desde 1974, Christopher Tolkien enviou sistemáticas correções, à medida que outros erros foram sendo descobertos, aos editores ingleses de *O Senhor dos Anéis* (Allen & Unwin, mais tarde Unwin Hyman, e agora a HarperCollins), que têm procurado ser escrupulosos nessa impossível tarefa de conservar a integridade textual em todas as edições de *O Senhor dos Anéis* que têm vindo a publicar. Contudo, sempre que o texto foi recomposto para publicação num novo formato (por exemplo, nas várias edições de bolso publicadas em Inglaterra nas décadas de 1970 e 1980), uma nova vaga de erros tipográficos teimou em invadi-lo, ainda que, por vezes, alguns destes erros tenham sido identificados e corrigidos em impressões posteriores. Ainda assim, ao longo destes anos, a edição inglesa de capa dura em três volumes foi a que conservou a mais elevada integridade textual.

Nos EUA, o texto da edição de bolso da Ballantine permaneceu inalterado durante mais de três décadas depois de Tolkien ter acrescentado as suas poucas revisões em 1966. O texto em todas as edições da Houghton Mifflin permaneceu inalterado de 1967 a 1987, altura em que a Houghton Mifflin fez uma fotogravura *offset* da então corrente edição inglesa de capa dura em três volumes, a fim de atualizar o texto usado nas suas edições. Nessas novas reimpressões foram introduzidas uma série de outras correções (supervisionadas por Christopher Tolkien), e o ramo Ballantine de revisão (incluindo o acréscimo de «Estella Bolger») foi integrado no ramo principal da linhagem textual. Este método de correção envolveu um processo de corte-e-cola de versões impressas do texto. A começar pela edição Houghton Mifflin de 1987, uma versão mais antiga desta «Nota a propósito do texto» (datada de outubro de 1986) foi acrescentada a *O Senhor dos Anéis*. Esta «Nota» já foi reescrita três vezes desde então – a versão datada de abril de 1993 apareceu pela primeira vez em 1994, e a versão datada de Abril de 2002 foi publicada mais tarde nesse mesmo ano. A presente «Nota» substitui e sobrepõe-se a todas as versões anteriores.

Para a edição inglesa de 1994 publicada pela HarperCollins, o texto de *O Senhor dos Anéis* foi introduzido em ficheiros de processamento de texto. Esta nova etapa da evolução textual veio permitir uma maior uniformidade do texto em todas as edições futuras, mas, com ela, como não podia deixar de ser, apareceram novas rugas. Novas deturpações penetraram no texto e, ao mesmo tempo, outras fixaram-se. O pior exemplo é o da omissão de um verso da inscrição do Anel no capítulo «A Sombra

do Passado» de *A Irmandade do Anel*. Falhas imprevisíveis apareceram noutras edições quando o texto-base digitalizado foi transferido para programas de paginação ou de composição tipográfica – por exemplo, numa edição de *A Irmandade do Anel*, as duas frases que fecham «O Conselho de Elrond» desapareceram inexplicavelmente. Estas falhas têm sido a exceção, não a regra, e o texto tem conservado consistência e integridade ao longo da sua evolução computadorizada.

A edição de 1994 também continha um conjunto de novas correções (de novo supervisionadas por Christopher Tolkien), assim como um índice remissivo reconfigurado. O texto de 1994 foi usado pela primeira vez em edições americanas publicadas pela Houghton Mifflin em 1999. Um pequeno número de novas correções foi acrescentado à edição de 2002 de três volumes ilustrada por Alan Lee, publicada pela HarperCollins na Grã-Bretanha e pela Houghton Mifflin nos EUA.

A história textual de *O Senhor dos Anéis* apenas na sua forma publicada já é uma teia vasta e complexa. Esta breve nota é um simples vislumbre da sequência e estrutura no seu conjunto. Mais informação a respeito das revisões e correções feitas ao longo dos anos ao texto publicado de *O Senhor dos Anéis*, e um relato completo da sua história de publicações, podem ser consultados em *J. R. R. Tolkien: A Descriptive Bibliography*, de Wayne G. Hammond, com a colaboração de Douglas A. Anderson (1993).

Para aqueles que estiverem interessados em seguir a evolução gradual de *O Senhor dos Anéis* desde os seus primeiros esboços até à forma publicada, recomendo vivamente o testemunho de Christopher Tolkien, apresentado em cinco volumes da sua série de doze volumes, *The History of Middle-earth*. Os volumes seis a nove contêm a maior parte do estudo de Christopher Tolkien incluído em *The Lord of the Rings: The Return of the Shadow* (1988); *The Treason of Isengard* (1989); *The War of the Ring* (1990); e *Sauron Defeated* (1992). Além disso, o último livro da série, *The Peoples of Middle-earth* (1996), cobre a evolução do prólogo e apêndices de *O Senhor dos Anéis*. Estes volumes contêm um relato íntimo e cativante da génese e escrita da obra-prima de Tolkien.

O estudo dos manuscritos de *O Senhor dos Anéis* envolveu a descodificação de versões em que Tolkien escreveu primeiro a lápis e depois a tinta por cima do esboço a lápis. Em *The Return of the Shadow*, Christopher

Tolkien descreve do seguinte modo o método do pai: «Na escrita à mão que ele usava em rascunhos rápidos e esboços que não estavam destinados a uma longa espera antes de voltar a concentrar-se neles e a dar-lhes uma forma mais fácil de trabalhar, as letras são tão vagas que uma palavra que não se consiga deduzir ou adivinhar a partir do contexto ou de versões posteriores pode permanecer absolutamente opaca mesmo após uma longa averiguação; e nos casos em que usou, como acontecia com frequência, um lápis macio, uma grande parte do que escreveu perdeu os contornos e quase desapareceu.» A grande dificuldade na leitura destes esboços duplos é evidente no frontispício de *The War of the Ring*, que reproduz a cores a ilustração feita por Tolkien do «Antro de *Shelob*», tirada de uma página do manuscrito do autor. Olhando com atenção para o apressado esboço a tinta ao lado da ilustração, conseguimos ver por baixo o esboço mais antigo e ainda mais tosco escrito a lápis. Da mesma forma, em *The War of the Ring*, Christopher Tolkien reproduz uma página do primeiro manuscrito do capítulo «O Amansar de Sméagol», com o texto impresso correspondente na página. É impressionante que alguém tenha conseguido decifrar esses textos manuscritos.

Posta de parte essa dificuldade, o que significam estes livros para o leitor comum e para os estudiosos de Tolkien? E o que é «a história da escrita» de um livro? A verdade é que estes volumes nos mostram em grande pormenor a evolução da história de *O Senhor dos Anéis* desde os primeiros esboços e rápidas projeções até à sua conclusão. Encontramos nesses materiais mais antigos aquilo que é, para todos os efeitos, um livro infantil, uma seqüela para *O Hobbit*, e, à medida que a história vai crescendo ao longo de várias «etapas», vemo-la ganhar seriedade e uma maior profundidade. Descobrimos ramos alternativos do desenvolvimento da narrativa, a gradual ligação e fusão de certas personagens, a lenta definição da natureza dos anéis e dos desígnios de outros intervenientes. Algumas destas ideias são abandonadas enquanto outras voltam a ser trabalhadas de forma distinta que pode ou não sobreviver até à versão final.

Seria possível fazer todo um catálogo de curiosidades a partir do estudo levado a cabo por Christopher Tolkien – por exemplo, que *Strider*¹ se

¹ *Passo de Gigante. (N. da T.)*

chamou *Trotter*¹ até uma fase muito tardia da escrita do livro; que *Trotter* fora em tempos um *hobbit*, assim chamado porque usava sapatos de madeira; que, a certa altura, Tolkien ponderou um romance entre Aragorn e Éowyn; que o autor escreveu um epílogo ao livro, unindo pontas soltas, que seria posto de parte antes da sua publicação (e que agora figura em *Sauron Defeated*); e por aí adiante. Mas estes desenvolvimentos ganham um outro interesse quando lidos no contexto do comentário de Christopher Tolkien, em vez de serem discutidos de forma separada.

O grande mérito destes volumes é o de nos mostrarem como Tolkien escrevia e pensava. Em mais nenhum lugar vemos o processo autoral em curso com tanto pormenor. Os comentários repentinos de Tolkien acerca da direção que a história pode tomar, ou por que razão deve ou não deve ir neste ou naquele sentido – estas interrogações pessoais do autor foram escritas: Tolkien está literalmente a pensar no papel. Isto acrescenta uma nova dimensão ao entendimento do comentário do autor a Stanley Unwin numa carta de 1963, quando sofria de problemas no ombro e no braço direito: «Descobri que não poder servir-me de uma caneta ou de um lápis é para mim tão avassalador como seria para uma galinha a perda do seu bico.» E nós, leitores destes volumes, podemos partilhar com Tolkien o espanto perante a aparição de novas personagens vindas de lugar nenhum, ou de outra qualquer mudança ou evolução súbitas, no preciso momento da sua emergência na história.

Não conheço outro caso na literatura em que tenhamos tido direito a esta «história da escrita» de um livro, contada em grande parte pelo próprio autor, com acesso a todas as hesitações e falsos caminhos, ao modo como foram feitas as escolhas, sob a orientação de um comentário e servida ao leitor como um verdadeiro banquete. São-nos apresentados inúmeros exemplos, até ao mais ínfimo pormenor, do processo de criação em curso. Vemos o autor completamente absorvido na criação como um fim em si mesmo. E o caso torna-se ainda mais único na medida em que este é o relato não apenas da evolução de uma história e do seu texto, mas da evolução de um mundo. Há uma riqueza acrescida de material além do simples texto narrativo. Há mapas e ilustrações. Há línguas e sistemas de escrita e a história das pessoas que falaram e escreveram no contexto desses sistemas.

¹ Em português, trotador, aquele que troteia. (*N. da T.*)

NOTA A PROPÓSITO DO TEXTO

Todos estes materiais adicionais acrescentam múltiplas dimensões de complexidade à nossa apreciação do mundo inventado.

Nestes cinquenta anos da vida publicada de *O Senhor dos Anéis*, parece-me extraordinário que não tenhamos apenas uma obra-prima da literatura, mas também, acompanhando-a, uma história sem precedentes do seu processo de escrita. A nossa gratidão como leitores vai para ambos os Tolkien, pai e filho.

DOUGLAS A. ANDERSON

Maio de 2004

NOTA A PROPÓSITO DO TEXTO REVISTO

Para o quinquagésimo aniversário de *O Senhor dos Anéis* em 2004, foram feitas entre trezentas a quatrocentas correções na sequência de uma revisão exaustiva de edições e impressões anteriores. Esse texto, seguido no presente volume, assentava na composição da edição da HarperCollins de capa dura em três volumes, de 2002, que, por sua vez, era uma revisão da edição recomposta da HarperCollins de 1994. Cada uma destas edições já era, em si, uma versão corrigida e ambas introduziram novos erros. Ao mesmo tempo, outros erros subsistiram sem serem detetados, entre os quais cerca de cinco dúzias que já tinham entrado em 1954, na recomposição de *A Irmandade do Anel* publicada como a sua «segunda impressão».

Que o impressor voltara a compor em silêncio, e de forma inexata, *A Irmandade do Anel*, e que cópias tinham sido feitas sem que nenhuma prova nova fosse enviada ao autor, nunca chegou ao conhecimento de Tolkien, e mesmo o seu editor, Rayner Unwin da George Allen & Unwin, só o saberia muito mais tarde. Tolkien encontrou algumas das alterações não autorizadas introduzidas na segunda impressão quando (talvez enquanto preparava a segunda edição de 1965) leu uma cópia da décima segunda impressão (1962), mas pensou que os erros eram recentes. Estes, entre outros, foram corrigidos ao longo do processo de reimpressão. Depois, em 1992, Eric Thompson, um leitor com olho para o pormenor tipográfico, reparou em pequenas diferenças entre a primeira e a segunda impressões de *A Irmandade do Anel* e chamou-nos a atenção para elas. De imediato, cerca de um sexto dos erros que entraram na segunda impressão tornaram-se visíveis. Muitos outros só viriam a revelar-se quando Steven M. Frisby

se munuiu de engenhosos auxiliares óticos para fazer uma comparação entre cópias de *O Senhor dos Anéis* com um grau de pormenor muito superior ao que fora antes conseguido. Com agrado nos servimos das descobertas do senhor Frisby, que generosamente as partilhou e discutiu connosco.

É uma felicidade que *O Senhor dos Anéis* tenha tido tantos leitores como este, que registaram as mudanças feitas entre as suas várias aparições impressas, tanto para documentar o que aconteceu antes como para ajudar na produção de um texto fixado. Erros ou possíveis erros foram denunciados ao próprio autor ou aos seus editores, e informação a respeito da história textual da obra circulou entre os entusiastas de Tolkien pelo menos desde 1966, ano em que Banks Mebane publicou o seu «Prolegomena to a Variorum Tolkien» na fanzine *Entmoot*. Em particular, em anos posteriores, Douglas A. Anderson liderou um conjunto de esforços para chegar a um texto rigoroso de *O Senhor dos Anéis* (e de *O Hobbit*); Christina Scull publicou «A Preliminary Study of Variations in Editions of *The Lord of the Rings*», na revista *Beyond Bree* (abril e agosto de 1985); Wayne G. Hammond compilou extensas listas de alterações textuais em *J. R. R. Tolkien: A Descriptive Bibliography* (1993); e David Bratman publicou um importante artigo, «A Corrigenda to *The Lord of the Rings*», no número de março de 1994 de *The Tolkien Collector*. As observações de Dainis Bisenieks, Yuval Welis e Charles Noad, entre outros leitores, que nos foram enviadas diretamente ou publicadas em fóruns públicos, também foram úteis.

Esforços como estes seguem o exemplo do autor de *O Senhor dos Anéis* durante o seu tempo de vida. A preocupação de Tolkien com o rigor textual e a coerência da sua obra é evidente nas muitas emendas que fez em impressões posteriores e nas notas que preparou para outras emendas que, por esta ou aquela razão, não foram (ou foram apenas em parte) introduzidas antes de 2004. Já tarde na vida, quando tais labores o saturavam, os seus sentimentos eram claros. A 30 de outubro de 1967, escreveu a Joy Hill, da George Allen & Unwin, a respeito de uma série de perguntas que recebera de um leitor acerca de certos pontos nos Apêndices de *O Senhor dos Anéis*: «Pessoalmente, deixei de angustiar-me com estas “discrepâncias” menores, uma vez que, se as genealogias, os calendários e afins pecam por falta de verosimilhança, isso deve-se ao seu excessivo rigor: por comparação com os verdadeiros anais e genealogias! Seja como for, os deslizes eram poucos, já foram em grande parte removidos e a descoberta do que ainda

possa haver parece-me ser um passatempo divertido! *Mas erros no texto são uma outra história.*» (Itálico nosso.) Na verdade, Tolkien não tinha deixado «de angustiar-se» e os «deslizes» foram resolvidos à medida que surgiram as oportunidades. Estas, e a indulgência do editor, permitiram-lhe um luxo a que poucos autores têm direito: múltiplas hipóteses não só de corrigir o seu texto mas de melhorá-lo e de desenvolver as línguas, a geografia e os povos da Terra Média.

O quinquagésimo aniversário de *O Senhor dos Anéis* pareceu-nos a oportunidade ideal para considerar a versão mais recente à luz da informação que tínhamos reunido ao longo de décadas de trabalho em estudos tolkienianos, com a investigação de Steve Frisby ao dispor e uma cópia digital de *O Senhor dos Anéis* (fornecida pela HarperCollins) que admitia uma pesquisa por palavra-chave ou frase. Esta última permitiu-nos desenvolver com facilidade listas de palavras que variavam de uma instância para a outra, e investigar variações no seu emprego, tal como se apresentavam no texto original e no caso de edições e impressões mais antigas. É certo que Tolkien escreveu *O Senhor dos Anéis* ao longo de um tão extenso período de tempo, cerca de dezoito anos, que inconsistências no texto seriam quase inevitáveis. Christopher Tolkien, o executor literário do autor, até nos confessou que algumas aparentes inconsistências formais na obra do pai poderão ter sido deliberadas: por exemplo, embora Tolkien tivesse o cuidado de distinguir *casa*, «residência», de *Casa*, «família ou dinastia nobres», em duas ocasiões usou *casa* com este último sentido mas em caixa baixa, talvez porque o uso da maiúscula teria distraído o leitor da importância do adjetivo que qualificava a palavra («casa real», «casa dourada»). Não restam dúvidas, porém, de que Tolkien procurou corrigir a inconsistência não menos do que se empenhou em eliminar o erro, sempre que destes teve conhecimento, e éramos da opinião, com o conselho e anuência de Christopher Tolkien, de que devia ser feita uma tentativa nesse sentido, na edição que celebra o aniversário da obra, sempre que nos fosse possível distinguir, com todo o cuidado e respeito pelo que já foi estabelecido, aquilo que deve ser corrigido.

Muitas das emendas feitas ao texto foram de pontuação, seja para corrigir erros tipográficos recentes ou para reparar alterações sobreviventes introduzidas na segunda impressão de *A Irmandade do Anel*. Neste caso e em todos os outros, a pontuação original de Tolkien era sempre mais

feliz – pontos subtis, quando se compara vírgula e ponto-e-vírgula, mas não menos importantes como elementos do estilo pretendido pelo autor. Palavras distintas como *chill* em vez de *cold*¹, e *glistered* em vez de *glistened*², há muito alteradas sem autorização por compositores tipográficos, também foram restauradas. Uma medida controlada de homogeneização também parecia impor-se, em casos como o de *naught* em vez de *nought*³, uma mudança instituída por Tolkien e nem sempre levada a cabo em todas as instâncias; *Dark Power*⁴ em vez de *dark power*, quando a referência é claramente a Sauron (ou Morgoth); *Barrow-downs*⁵, segundo a preferência de Tolkien, em vez de *Barrowdowns*; da mesma forma, *Bree-hill* em vez de *Bree Hill*⁶; a forma acentuada e mais comum de *Drúadan*, em vez de *Druadan*; os nomes das estações em caixa alta quando usados como personificação ou metáfora, seguindo a prática dominante de Tolkien e a lógica interna do texto; e *Elvish* em vez de *elvish*⁷, quando usado à parte, respeitando uma preferência que Tolkien assinalou na sua cópia da segunda edição de *O Senhor dos Anéis*. Além disso, acrescentámos um segundo acento a *Númenórean(s)*⁸, uma vez que o autor costumava escrever o nome desta forma em manuscritos e assim figura em *O Silmarillion* e noutras publicações póstumas.

O resultado, em todo o caso, ainda inclui muitas variações no uso de maiúsculas, na pontuação e noutros elementos de estilo. Nem todas elas são erróneas: trata-se de palavras como *Sol*, *Lua*, *Hobbit* e *Homem* (ou *sol*, *lua*, *hobbit*, *homem*), que podem mudar de forma de acordo com o sentido e o contexto, em função de adjetivos adjacentes, ou segundo as intenções de Tolkien em matérias de personificação, poesia ou ênfase. Não foi possível, em todos os casos, adivinhar o seu desígnio com segurança. Mas foi

¹ Distinto de *cold* (frio), *chill* (calafrio) evoca não um estado, mas um sentimento, apontando para uma realidade não apenas física, mas psíquica. (N. da T.)

² À partida, *glister* indica um brilho forte e resplandecente e *glisten* uma suave e intermitente cintilação, mas a preferência pela primeira forma pode decorrer da ressonância literária do verbo. (N. da T.)

³ Preferência pela forma arcaica *naught* («nada»). (N. da T.)

⁴ Poder Negro. (N. da T.)

⁵ Colinas-das-Antas. (N. da T.)

⁶ Colina de Bree. (N. da T.)

⁷ Élfico. (N. da T.)

⁸ Numenoreano(s). (N. da T.)

possível discernir as suas preferências em muitas instâncias, a partir de declarações escritas nas cópias revistas de *O Senhor dos Anéis* ou de uma análise cuidada do texto manuscrito, dactilografado, prova e impressão. Sempre que havia a mais pequena dúvida em relação às intenções do autor, o texto permaneceu inalterado.

A maior parte dos erros demonstráveis assinalados por Christopher Tolkien em *The History of Middle-earth* também foram corrigidos, tal como a distância da Ponte do Brandevinho até ao *ferry* (dez milhas em vez de vinte) e o número de póneis de Merry (cinco em vez de seis), sombras de esboços mais antigos. Mas estas inconsistências de conteúdo, tal como a célebre (e errónea) declaração de Gimli no Livro Terceiro (Capítulo Sete), «Até agora nada decepei a não ser madeira desde que parti de Moria», cuja correção exigiria uma reescrita em vez de uma simples emenda, permanecem inalteradas.

Tantas correções feitas a *O Senhor dos Anéis* e uma tão extensa revisão do seu texto mereciam ser documentadas. Embora a maior parte dos leitores se contente apenas com o texto, alguns poderão querer saber mais a respeito dos problemas que se levantaram na preparação da nova edição e das soluções encontradas (quando as havia), em particular nos pontos em que o texto foi corrigido, mas também naqueles em que não foi. Com esse intuito, e com o fim de iluminar a obra a outros níveis, preparámos *The Lord of the Rings: A Reader's Companion*, publicado pela primeira vez em 2005 e posteriormente revisto. Neste, conseguimos analisar, com uma profundidade que não caberia numa simples nota preliminar, os vários dilemas textuais de *O Senhor dos Anéis*, identificar as mudanças que foram feitas no texto e destacar alterações relevantes à obra impressa ao longo da sua história. O *Reader's Companion* também explica palavras arcaicas ou invulgares e os nomes em *O Senhor dos Anéis*, explora influências literárias e históricas, assinala pontos de contacto com outros textos de Tolkien e comenta as diferenças entre os seus esboços e a versão publicada, em matérias de linguagem e em muitas outras que esperamos que sejam do interesse dos leitores e que possam potenciar a sua fruição da obra-prima de Tolkien.

O Senhor dos Anéis foi reimpresso muitas vezes desde 2004 e já apareceu em diversos formatos. Embora uma parte dos leitores tenha discordado de certas opções editoriais, e alguns até tenham apresentado argumentos

com um fundamento filosófico contra toda e qualquer correção feita à obra de Tolkien, o texto corrigido é agora, para todos os efeitos, o texto *standard*, sobrepondo-se a edições anteriores. Outras correções foram feitas em 2005 e, no mesmo ano, foi introduzido um novo índice, aumentado, que não tínhamos sido capazes de concluir antes; este tem sido incluído em grande parte das impressões de *O Senhor dos Anéis* com o texto corrigido.

WAYNE G. HAMMOND & CHRISTINA SCULL
Janeiro de 2014